

Esquerda, política e polícia

Acusações graves de Guilherme Boulos contra a Polícia Militar em sua campanha eleitoral ajudam a entender o clima de radicalização que levou à eleição de Jair Bolsonaro



Glauco Silva de Carvalho
25 de novembro de 2020

BRAZIL PHOTO PRESS/FOLHAPRESS



O candidato do PSOL, Guilherme Boulos, em campanha pela região central de SP

Conheci Guilherme Boulos em 2014. Eu era o comandante do Policiamento da cidade de São Paulo, que à época contava com 21.000 policiais militares. Ele era líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Anos de eleições federal e estaduais são sempre complexos. Havia muita animosidade no período, o que antevia o que viria a ocorrer quatro anos mais tarde, em 2018, ápice das diferenças políticas desde a redemocratização, em meados dos anos 1980.

Em 2014, também se antevia o impeachment de Dilma Rousseff, presidenta do Brasil. As primeiras organizações de linha conservadora e liberal se formaram embrionariamente naquele período, cite-se *Vem Pra Rua* (VPR), *Movimento Brasil Livre* (MBL), *Endireita Brasil*, *Revoltados On-Line* (este mais radical e simpático, inclusive, à intervenção militar).

Interessante lembrar que, quando recebíamos as lideranças desses movimentos, fosse no Comando de Policiamento da Capital (CPC) ou no Comando de Policiamento Metropolitano-1 (CPAM-1), como de hábito na organização de qualquer planejamento de policiamento de eventos com grande público, eles não queriam ser recebidos conjuntamente. Normalmente, era recebido, de um lado, Vem Pra Rua e MBL e, de outro, Revoltados On-Line. Tínhamos que colocá-los em salas diferentes. VPR e MBL não queriam, já àquela época, serem confundidos com conspiradores - extremistas e ditatoriais.

Por esses idos, eram manifestações imensas, com dezenas de milhares de pessoas e simpatizantes em vias públicas importantes da cidade de São Paulo, bem como de municípios do interior. Em São Paulo, elas se davam, normalmente, na Avenida Paulista ou no Largo da Batata. Evitávamos, ao máximo, colocar manifestações de cunho antagônico em espaços próximos um do outro. Nós tentávamos revezá-los, ora em um, ora em outro.

Juntávamos policiamento de toda a capital para a segurança, quer fosse do público que se manifestava, quer fosse das pessoas que residiam nas proximidades da manifestação ou por ali transitavam, quer fosse dos policiais, quer fosse de grupos antagônicos que se juntavam para provocação.

Muita vez, pessoas indagam por que a polícia congrega efetivos tão grandes em manifestações. Por vezes, até mesmo superior ao número de participantes. Em primeiro lugar, nunca é possível adivinhar a quantidade de participantes. Em segundo lugar, o ajuntamento de um grande número de policiais militares serve como efeito *deterrance*. Grandes efetivos desestimulam o enfrentamento e a destruição de patrimônio público e privado. O efeito perverso é que as áreas ficam mais desguarnecidas, facilitando a ação criminosa.

Boulos era um jovem líder. Ele fez, naquele segundo semestre de 2014, manifestações de cunho político e de defesa de moradia (como se esse não tivesse viés político, mas os primeiros eram mais evidentemente dirigidos a bandeiras políticas da esquerda). Saía da Avenida Paulista, percorria longos percursos até chegar à Marginal Pinheiros. Ou, então, os manifestantes reuniam-se no Largo da Batata e, ora encerravam o movimento por ali, ora saíam em passeata por vias próximas.

Ele sempre cumpriu os combinados. Fossem de horário, fossem de itinerários, fossem de número de vias a serem fechadas para as passeatas.

Passados quatro anos, Boulos saiu candidato a Presidente da República pelo PSOL. Este ano (2020), é candidato a prefeito da maior cidade da América Latina. O PSOL e Boulos/Erundina encaram o novo sonho da esquerda, assumindo o papel que historicamente coube ao PT, abatido pelos escândalos dos últimos 15 anos e por não fazer uma autoavaliação.

Com poucos segundos de TV, consegui passar para o segundo turno das eleições a fim de enfrentar Bruno Covas, neto de Mário Covas, este com longa trajetória de esquerda, falecido em decorrência de um câncer no exercício do cargo de governador do Estado, em 2002.

No que tange ao eleitorado de policiais militares, há um “cansaço” do PSDB e o desejo de votar em qualquer segmento que lhe faça oposição. Em que pese haver “tradicional” e “histórica” antipatia recíprocas entre militares e esquerda, há contingente crescente de apoiadores da esquerda nas hostes militares, conforme a esquerda se afasta de utopias revolucionárias armadas.

Fico, como já disse neste espaço outras vezes, indagando-me como foi possível surgir no Brasil um Bolsonaro. Talvez não seja tão difícil encontrar hipóteses. Veja uma das afirmações do programa de governo de Boulos:

Instituir o Programa de Formação Continuada em Direitos Humanos, Igualdade Racial e Direitos das Mulheres para agentes da Guarda Civil Municipal, garantindo a participação de movimentos sociais no planejamento pedagógico dos cursos de formação como política de combate ao racismo institucional e à violência promovida por agentes da GCM contra a população negra e indígena, impedindo-a de ser um agente auxiliar nos ***mecanismos de repressão e genocídio praticados pela Polícia Militar***. (grifos nossos)

São acusações graves, desproporcionais, preconceituosas e direcionadas por parte da equipe de Boulos. Ela está correndo os grupos de WhatsApp e mídias sociais. Particularmente, sinto-me ofendido com tais acusações. São, antes de tudo, desnecessárias.

Em tempos de confronto e aversão radicais, deveriam ser evitadas. São provocações baratas. Não contribuem para nada e em nada.

Aos poucos vamos entendendo como os Bolsonaros da vida surgem, crescem... e se tornam presidentes da República.

Glauco Silva de Carvalho

Bacharel em Direito (USP), mestre e doutor em Ciência Política (USP). Coronel da reserva da PMESP, foi diretor de Polícia Comunitária e Direitos Humanos e Comandante do Policiamento na Cidade de São Paulo

<https://www.fontesegura.org.br/politica-e-policia/ng7rs4upyf>

